





# AS PRIMEIRAS HISTÓRIAS DE LELÊ

José Roberto Torero

Ilustração  
Rogério Doki



Copyright © 2007 José Roberto Torero

Supervisão editorial **Marcelo Duarte**  
Assistente editorial **Tatiana Fulas**  
Projeto gráfico e diagramação **Ana Miadaira**  
Revisão **Alessandra Miranda de Sá**

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

T636a

Torero, José Roberto

As primeiras histórias de Lelê / José Roberto Torero. - 1. ed. - São Paulo :  
Panda Books, 2007.

1. Ficção infanto-juvenil. 2. Literatura infanto-juvenil. I. Título.

---

07-2393.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

**2007**

Todos os direitos reservados à

Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Lisboa, 502 – 05413-000 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3088-8444 – Fax: (11) 3063-4998

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

# Sumário

## Apresentação • 7

- 9 O primeiro dia de Lelê na escola
- 12 O que Lelê vai ser quando crescer?
- 16 A primeira não-namorada de Lelê
- 21 Lelê, o presidente
- 27 Lelê fixa o prefixo
- 33 Lelê e Alice (que não é a do País das Maravilhas)
- 37 Lelê, o príncipe submarino
- 43 Lelê bota pra quebrar!
- 49 Lelê Lorota e a bebeteca
- 54 Pedala, Lelê!
- 58 Lelê e o mingau de chocolate
- 63 As dez coisas mais legais da vida
- 68 Os três desejos de Lelê





# Apresentação

Oi. O meu nome é Leocádio, mas todo mundo me chama de Lelê.

Eu tenho oito anos e este é o meu primeiro livro. Ele tem um monte de histórias que eu coloquei no meu blog. Blog é assim que nem um diário, só que a gente escreve no computador. O chato do blog é que só quem tem computador é que pode ler. Mas agora as histórias vão ficar nas folhas deste livro aqui, e aí mais gente vai poder ler. Livro é legal. A gente não precisa ligar na tomada, e ele não quebra (se bem que de vez em quando os meus rasgam, mas é sem querer).

Quem deu a idéia de fazer este livro foi o meu tio Torero. Ele também é escritor, só que o pessoal lê mais o meu blog que o dele. Quando eu disse que ia sair um livro com as minhas histórias, a minha mãe falou que isso era bacana porque aí eu já podia me candidatar à Academia Brasileira de Letras.

Eu perguntei para ela se nessa Academia tinha que fazer muita ginástica, e ela explicou que não, que a turma de lá já é meio velhinha e não consegue fazer muito exercício. As únicas coisas que eu precisaria fazer são: usar uma roupa engraçada, comer bolo e tomar chá. Eu achei isso bom, porque eu gosto de usar roupa engraçada e de comer bolo. Só chá é que é meio chato.

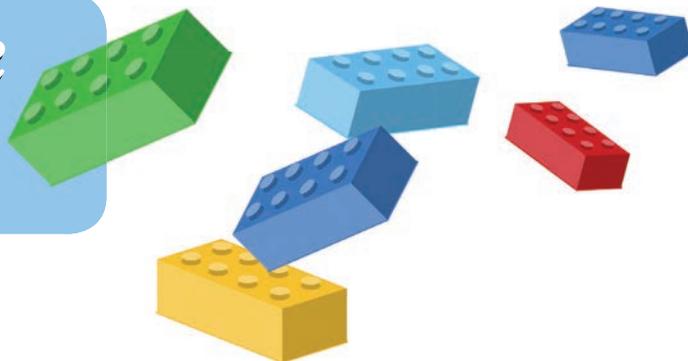
Mas, se eu for eleito para a Academia, eu vou trocar o chá por refrigerante. E aí, no final da reunião, a gente vai fazer um concurso de arroteo que vai ser o maior legal.

Bom, tomara que você que está lendo esse negócio que eu estou escrevendo vire a página e leia o resto do livro.

Tchau!



# O primeiro dia de Lelê na escola



**H**oje eu vou contar como é que foi o meu primeiro dia na escola. Mas não o primeiro dia depois das férias. Vou contar uma coisa mais legal: o meu primeiro primeiro dia, no pré, quando eu era criança, quer dizer, mais criança.

Lembro direitinho de tudo. E faz o maior tempão que isso aconteceu. Uns três anos. Foi um dia o maior terrível!

Uns meses antes a minha mãe começou a dizer que eu tinha que ir para a escola. Mas eu disse que não queria, que estava bem ali em casa, e que vendo televisão eu já ia aprender tudo.

Aí ela disse que eu ia conhecer uma turma legal na escola; mas eu falei que já tinha uma turma legal no prédio.

Aí ela disse que eu precisava fazer faculdade para ganhar muito dinheiro; mas eu falei que o Ronaldinho Gaúcho não fez faculdade e tem o maior carrão, e o tio Torero fez um monte de faculdade e tem uma moto velha.

Aí ela disse que poucos conseguem ser jogador de futebol, e por isso eu ia ter que estudar para ter uma profissão; mas eu falei que, quando crescesse, queria trabalhar como testador de brinquedos, e para isso não precisava ir na escola, só precisava ficar em casa brincando.



Aí ela perdeu a paciência e disse:

– Você vai para a escola e pronto!

Depois disso a gente comprou uniforme, lápis de cor, borracha, caneta, régua, tesoura, estojo, lancheira e mochila, e essa parte foi legal.

Mas cada vez que o dia de começar a escola chegava mais perto, ia me dando um negócio assim na barriga. Pô, eu ia ter que falar com um monte de gente que eu não conhecia, entrar num lugar que eu nunca tinha ido, obedecer uma mulher que não era a minha mãe e ainda por cima ia ter que aprender um monte de coisa diferente. Vida de criança é muito dura!

No caminho para a escola, a minha mãe falou assim:

– O primeiro dia é o mais difícil. Depois fica fácil. E nada de chorar, hein? Você já é um homenzinho.

– Se eu fosse um homenzinho, eu não precisava ir para a escola – respondi. E depois fiquei calado. Estava de maior mau humor e nem tinha vontade de falar com a minha mãe.

Aí, quando a gente chegou na escola e eu vi um monte de gente na porta, ainda tentei mais uma vez e falei assim:

– E se a gente for para casa e voltar amanhã? O primeiro dia é o mais difícil, então, se eu vier só amanhã, já começo no segundo.

Não adiantou nada.

Então eu desci do carro, passei pelo portão, onde tinha um monte de serventes, que são umas moças que trabalham na escola, e fui entrando. Mas aí começou a me dar a maior vontade de voltar para casa e uma baita saudade da minha mãe.



## O primeiro dia de Lelê na escola

Cada passo que eu dava, eu pensava assim: “Não vou chorar, não vou chorar”. Mas sempre que eu penso isso eu começo a chorar. E aí comecei a chorar muito. Então dei meia-volta e corri para o portão feito um doido. Mas as serventes me seguraram e não deixaram eu passar. Por isso é que tinha um monte delas lá.

Dei soco, chutei, mordi, fiz de tudo. Uma delas comentou:

– Poxa, esse é forte.

Mas elas eram um monte e eu não conseguia passar. Então, no meio da briga, olhei para a minha mãe e vi que ela estava na grade olhando para mim e chorando. Eu pensei assim: “Bem feito, você não queria que eu viesse para a escola?”

Aí eu desisti de brigar e entrei.

Lá dentro até que não foi tão horrível.

A tia Alzira era meio velha e gorda, mas era legal.

E ela não deu lição. Deu foi um monte de Lego para a gente brincar. E no segundo dia deu umas folhas para a gente pintar. Só depois de um tempo é que ela começou a ensinar umas coisas. Mas aí eu já tinha acostumado com a escola e tinha uns novos amigos legais e tinha conhecido uma menina bonita chamada Elizete (qualquer dia eu conto a minha história com a Elizete, que é o maior triste).

Hoje eu acho bom ter ido para a escola. O primeiro dia foi fogo, mas depois foi legal porque eu aprendi a escrever, e, se eu não soubesse escrever, não ia ter nada escrito neste livro, e deve ser chato ler um livro onde não tem nada escrito.





## O que Lelê vai ser quando crescer?



O ntem foi o maior chato.

É que eu tive que ir numa festa de adulto porque a minha mãe não tinha com quem me deixar. E festa de adulto é o maior chato.

É chato porque não tem outras crianças para brincar, porque a tevê fica desligada, porque não tem videogame e porque não tem cachorro-quente nem sorvete, só uns pãozinhos pequenininhos com umas gosmas em cima.

Mas o pior é que em festa de adulto eles falam com a gente como se a gente fosse meio abobado.

Tipo assim: quando perguntei onde era o banheiro, a dona da casa respondeu:

– O banheiro é ali. Você já vai sozinho?

Depois um cara com cara de velho, mas com cabelo bem preto, me perguntou:

– Quantos anos você tem? Seis ou sete?

E uma mulher com unha comprida falou:

– Sabe que você está a cara da sua mãe?

Deu vontade de responder: “A cara da minha mãe?! Então eu vou fazer plástica, porque sou menino e ela é mulher!”.



## O que Lelê vai ser quando crescer?

Para o homem de cabelo preto eu ia dizer: “Tenho quase nove, mas um dia vou ter cento e vinte que nem você!”.

E para a dona da casa eu ia falar: “Não, não sei ir no banheiro sozinho. Preciso de alguém para trocar minha fralda!”.

Pô, adulto não sabe conversar direito!

Mas o pior mesmo é que todo mundo quer saber o que você vai ser quando crescer. Parece que é só o que eles sabem falar: “O que você vai ser quando crescer?”, “O que você vai ser quando crescer?”, “O que você vai blablablá...?”.

Teve um casal que chegou perto de mim e aí a mulher falou assim:

– O que você vai ser quando crescer, Leocádio? Acho que você vai ser médico. Aposto que vai ficar superbem de branco.

E aí o marido dela disse:

– Que nada! Ele vai ser é jogador de futebol.

– Médico!

– Jogador de futebol!

– Médico!!

– Jogador de futebol!!

– Médico!!!

– Jogador de futebol!!!

E aí eles começaram a brigar e eu saí dali, porque sei que não vou ser nenhuma dessas coisas, porque eu sou grosso no futebol e quando eu uso roupa branca sempre fico o maior sujo.

Bom, eu ainda não sei o que quero ser quando crescer, mas eu já pensei numas coisas:





- \* eu podia ser palhaço, porque é legal fazer os outros darem risada;
- \* podia ser astronauta, porque fazer viagens espaciais é bacana;
- \* podia ser escritor que nem o meu tio, porque ele trabalha em casa e sempre dá uma paradinha para jogar Playstation;
- \* e podia ser motorista de táxi, porque eles passeiam o dia todo e ainda ganham dinheiro para isso (sem falar que eles devem ser o maior inteligentes, porque sempre sabem a solução para tudo).

Depois fiquei pensando que, quando os adultos perguntam o que você vai ser quando crescer, eles querem saber é “em que você vai trabalhar quando crescer”. Mas isso é esquisito, porque a gente não é um trabalho.

Os adultos não querem saber se vou querer morar numa praia ou num morro, se eu vou querer ter um monte de filhos ou nenhum, se vou ser engraçado ou sério, se vou querer ler muitos livros ou ver muita tevê, se eu vou ser alegre ou triste, se eu vou ser alto ou baixinho. Eles só querem saber no que eu vou trabalhar.

Então eles tinham que perguntar: “No que você vai trabalhar?”, e não “O que você vai ser?”.

Da próxima vez que um adulto me perguntar o que eu quero ser quando crescer, não vou responder uma profissão, porque eu não quero ser um trabalho, quero ser outras coisas também.

Quando eu crescer quero ser sabido (que nem motorista de táxi), quero saber fazer piada (que nem palhaço), viajar muito (que nem astronauta), e jogar Playstation que nem o meu tio (que nem ele não, melhor, porque ele é meio ruim).

E também quero ser altão, alegre, morar na praia, ler livro e ver tevê ao mesmo tempo.

Ah, e eu quero ser legal. Mesmo que não seja palhaço, astronauta, escritor ou motorista de táxi.

